

APRESENTAÇÃO

ALTINO JOSÉ MARTINS FILHO – UFRGS
ANA CRISTINA COLL DELGADO – FURG

O dossiê **Culturas Infantis e Culturas Juvenis** reúne artigos de pesquisadores engajados na superação de abordagens da infância e da juventude focadas somente em perspectivas cronológicas que normatizam suas etapas, idades, /ou fases da vida. Os autores focalizam crianças e jovens como agentes, potentes e capazes de transformar e criar novas relações nas instituições educativas. As reflexões tecidas no conjunto dos artigos reconhecem que as crianças e jovens produzem relações e experiências sócio-culturais, para além dos discursos produzidos sobre eles. Tais discursos pretendem explicar e mensurar os outros grupos geracionais, ancorados num conjunto de saberes ainda presentes na sociedade. Cientes das críticas contemporâneas em termos de uma exacerbada “psicologização” da infância e da juventude, não pretendemos cair num outro dualismo já criticado por Alan Prout (2004), que é o da “sociologização” da infância e da juventude. Neste sentido, os autores debatem as culturas infantis e culturas juvenis a partir de um enfoque multidisciplinar e interdisciplinar reconhecendo a importância e contribuição das diferentes áreas do conhecimento implicadas na investigação da diversidade das culturas infantis e culturas juvenis em contextos sociais, históricos, educacionais e psicológicos também diversos. Entendemos que as ciências sociais e humanas, segundo suas diferentes tradições acadêmicas têm muito a contribuir com este debate recente em nosso país, tendo em vista o crescente interesse de pesquisadores oriundos de diversas áreas de conhecimento em destacar o lugar ocupado por crianças e jovens nas pesquisas, nas instituições educativas, nas políticas e na legislação.

Vislumbramos com positividade a inclusão neste dossiê de pesquisas sobre as culturas juvenis, principalmente pelo fato de termos presenciado recentemente a comemoração pelo Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) da aprovação da Emenda n.65/2010 referente a PEC 42/2008 pelo Senado Federal. A conhecida PEC da juventude insere o termo no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, mudança que aponta para o avanço das políticas

públicas existentes elevando-as a um patamar de política de Estado. Assim como as crianças, os jovens passam a ter assegurados em forma de lei seus direitos fundamentais como educação, lazer, profissionalização e proteção contra qualquer forma de exploração, negligência e violência. Este é um marco importante na história de nosso país.

O conjunto dos textos que contribuí com este dossiê enfatiza a agência dos bebês, das crianças e dos jovens. A construção social e simbólica da infância e da juventude tem uma história de estudos focados em discursos elaborados por adultos. Entretanto, desde o final dos anos de 1990 observamos um movimento de estudiosos da infância e da juventude oriundos de diferentes áreas do conhecimento, que tem defendido o ponto de vista e a participação das crianças e dos jovens na construção e compreensão das suas culturas. Tal interesse os tem levado a examinar e analisar os processos de constituição do conhecimento desses atores como seres humanos concretos e reais em diferentes contextos, constitutivos de suas infâncias e juventudes.

As pesquisas e reflexões desses autores procuram romper com concepções de crianças e jovens como vir-a-ser, como futuros adultos e receptáculos passivos das instituições e seus processos de regulação e controle. Neste sentido, os artigos aqui reunidos discutem as culturas infantis e as culturas juvenis, o papel social das crianças e dos jovens e sua agência. O conceito de agência (*Agency*) reforça a importância das ações coletivas das crianças e dos jovens na produção de suas próprias culturas, que são produzidas pela relação com as culturas societais.

A construção da infância e da juventude, das culturas infantis e das culturas juvenis é também uma produção das crianças e dos jovens, produção que não acontece num vazio social, mas em contato com diferentes grupos geracionais e com a sociedade. Vislumbramos, portanto, a participação ativa das crianças e dos jovens na construção e definição das culturas infantis e culturas juvenis.

Sendo assim, as reflexões sobre como a infância e a juventude são construídas, qual o lugar ocupado pelas crianças e jovens, como suas vozes e interpretações são consideradas na compreensão das suas culturas só podem acontecer de forma contextualizada, isto é, a partir do ponto de vista de seus atores e considerando seus diferentes contextos.

Os artigos interrogam diversos pertencimentos, fazeres e produções culturais destes atores e suas culturas, com metodologias diferenciadas e voltadas as suas vozes e pontos de vista. Tal debate pode enriquecer os conhecimentos sobre os mundos das crianças e jovens, sobre suas vidas sociais e culturais envolvidas em questões econômicas, políticas, parentais, religiosas, étnicas. Tais interrogações também possibilitam compreender as diferentes sociedades e grupos

dos quais as crianças e jovens fazem parte. As diversas posturas epistemológicas e metodológicas relatadas no conjunto dos artigos viabilizam reflexões sobre as particularidades e contextos das pesquisas com crianças e jovens, sobre diferentes instrumentos metodológicos, estratégias de aproximação, acordos e análises de resultados.

Os autores que colaboraram com este dossiê apontam as transformações de conceitos como culturas infantis e culturas juvenis e reconhecem que as abordagens das idades e das etapas da vida não são suficientes para a construção de análises da infância e juventude no mundo contemporâneo, pois estas categorias estão envolvidas em processos sociais, culturais e históricos.

Abrimos o dossiê com o convite à leitura da entrevista traduzida do francês da etnóloga Julie Delalande, autora do livro resultante de sua tese de doutorado *La cour de récréation, contribution à une anthropologie de l'enfance* (Rennes, Ed. PUR, 2001) e da cineasta Claire Simon, realizadora do documentário *Récréations* (Les Films d'Ici, ARTE France, 1992), que mostra crianças de três a seis anos na hora do recreio no pátio de uma escola. Ambas gentilmente cederam esta publicação para divulgação em nosso país. **Crianças roteiristas, crianças atores sociais: encontro de dois olhares no recreio** abre o dossiê pela riqueza do debate em torno do recreio como locus de investigação das culturas infantis. No recreio as crianças expressam as culturas societais, partilham regras, relações de poder e inúmeros conhecimentos nas suas culturas de pares, quando organizam suas brincadeiras sem a regulação dos adultos. As autoras compartilham a mesma intuição – de que as crianças vivenciam um momento importante de sua existência na hora do recreio –, elas debatem a sutileza de apreender sua experiência quando se é, aos olhos das crianças, um adulto forçosamente dominante. Descobre-se então como, entre uma lógica do desejo e uma lógica do social, as crianças aprendem desde a escola maternal a ser atores para seguir adiante.

Na sequência, o texto **Culturas da infância e culturas juvenis: elementos híbridos na constituição identitária de estudantes de quarta série**, de Fernanda Lanhi da Silva, problematiza o fenômeno denominado de juvenilização da cultura constituído de idéias e atributos valorizados na atualidade. Segundo a autora, estes atributos são ícones desejados por pessoas de todas as faixas etárias e influenciam suas escolhas e modos de ser. Partindo desta constatação, Fernanda Lanhi da Silva pesquisou estudantes de quarta série do ensino fundamental a

* *A hora do recreio no pátio: contribuição para uma Antropologia da infância e Recreações*, ambos inéditos no Brasil. (N. de trad.)

fim de compreender se eles experimentam apenas elementos das culturas da infância, ou, se esta juvenilização da cultura também manifesta-se, em alguma medida, na experiência desses estudantes de quarta série. A investigação analisou o modo como esses atores oriundos de três contextos socioculturais diferentes caracterizam seus pertencimentos geracionais e suas percepções identitárias sobre si mesmos, problematizando, também, algumas práticas culturais, atividades e temas de interesse manifestados por eles. São tratados no artigo, os conceitos de culturas para pensar a constituição identitária dos estudantes de quarta série num contexto de juvenilização da cultura.

O artigo **Os jovens em comunidades do Orkut: as culturas juvenis expressas neste ambiente**, de Andréa Rapoport, aborda a crescente participação dos jovens na rede social *Orkut* e em suas comunidades. A autora objetiva conhecer as culturas juvenis expressas em suas comunicações, constituindo-se em um rico contexto de investigação para áreas como a Psicologia e a Educação. Trata-se de um estudo de caso das comunidades “Adolescente Sofre” e “Adoro ser adolescente”. A pesquisa revela a interação que ocorre nos fóruns através de jogos criados pelos membros das comunidades. Os temas abordados nos títulos das comunidades são tratados especialmente nas enquetes, como por exemplo, as queixas manifestadas pelos jovens sobre esta fase da vida, na comunidade “Adolescente sofre”. A autora ressalta a importância da escola apropriar-se do conhecimento sobre o que pensam os jovens e sobre suas formas de interação, pois há mudanças em ritmo acelerado, influenciadas por diferentes fatores socioculturais.

Suely Amaral Mello apresenta uma importante contribuição para pensarmos sobre as relações entre adultos e crianças na contemporaneidade. Sendo assim, seu artigo **Relações entre adultos e crianças na contemporaneidade: o que estamos fazendo com nossas crianças?** questiona os desafios da educação da humanidade no processo de globalização e de revolução técnico-científica frente às formas como nossa sociedade tem respondido com a educação das crianças e, ao mesmo tempo, a complexidade do processo de conhecimento que descobre uma relação intrínseca entre o afetivo e o cognitivo que condiciona a aprendizagem. A autora destaca o sentido que as crianças têm construído acerca da escola e do processo de conhecimento, a partir de tarefas e das idéias impostas pelos adultos, o que as distancia da apropriação do pensamento teórico e da vontade de saber, elementos essenciais no processo de apropriação da herança cultural da humanidade e motor da humanização das novas gerações. Concluí que a imposição às crianças de formas de relacionamento com a cultura – próprias dos adultos – em idades cada vez mais precoces

abrevia a infância e compromete o processo essencial de humanização vivido nessa idade, assim como cria nas crianças uma atitude que as indis põe ao conhecimento.

Um dos caminhos debatidos pelos estudos da infância como resistência a abreviação da infância é o reconhecimento do brincar como um dos elementos que constitui as culturas infantis. Esta possibilidade é apresentada por Altino José Martins Filho, no artigo: **Olhares investigativos sobre as crianças: o brincar e a produção das culturas infantis**. Ele apresenta uma pesquisa que descrever e analisa o brincar das crianças no contexto da creche, bem como discute a produção das culturas infantis. As crianças são compreendidas como atores sociais competentes e potentes, constituídas de múltiplas dimensões humanas e protagonistas nas relações que são estabelecidas no grupo de pares. O autor utiliza observações com base na orientação etnográfica, registradas em caderno de campo e aponta que as culturas infantis e as formas de sociabilidades criadas e recriadas pelas crianças, revelam a especificidade própria destas em relação às produções culturais dos adultos. Portanto, o conhecer das culturas infantis, nas rotinas do brincar, apresenta-se como uma possibilidade para os adultos significarem e elaborarem seu pensar e seu agir pedagógicos aos interesses e necessidades das crianças.

Um tema importante e ainda pouco estudado no Brasil é o das culturas da infância entre os bebês. Tradicionalmente a psicologia tem se debruçado nos estudos sobre os bebês e suas relações entre pares, mas atualmente alguns estudiosos da infância estão preocupados em compreender os bebês entre eles com enfoques sócioantropológicos. O artigo: **As culturas da infância nas dinâmicas de sociabilidade entre bebês**, de Rachel Freitas Pereira focaliza os olhares e percepções para as culturas infantis nas interações sociais que bebês, de um ano e meio a dois anos e meio estabelecem entre si. A autora quer compreender as múltiplas linguagens que esses bebês utilizam nas suas interações para constituir suas dinâmicas de sociabilidade, e suas culturas da infância, concebidas como formas singulares de significação e apreensão do mundo, que as crianças criam e compartilham nos seus grupos de pares. Para tanto, ela traça algumas reflexões acerca do lugar social que os bebês ocupam, e realiza um breve levantamento de alguns grupos de pesquisa no Brasil que vem se destacando em pesquisar crianças com idade entre zero e três anos.

Dando continuidade aos estudos voltados as crianças pequenas, Elaine de Paula estuda a participação das crianças nos espaços da creche, no texto: **Acomodação e Ruptura: a participação das crianças nos espaços da creche**. Sua pesquisa tematiza a compreensão das práticas

educativas desenvolvidas em uma instituição de educação infantil. O recorte realizado para análise foi o das relações estabelecidas entre os adultos e as crianças, em especial nos momentos de transgressão das crianças. Ela também quis compreender as relações que as crianças estabeleciam entre si e as diversas estratégias criadas por elas na acomodação, resistência e reinvenção do cotidiano a fim de tornarem-se, em alguma medida, partícipes do espaço frequentado por elas. Como forma de dar visibilidade às manifestações das crianças sobre o que vivenciavam na instituição e também revelar as estratégias utilizadas por elas para os excessos de regulação, foram utilizados diferentes recursos, tais como: registro escrito, fotográfico (feito pela pesquisadora e pelas crianças), dramatização, literatura, desenho, bem como as expressões faciais que as crianças utilizavam para comunicarem-se entre si. As manifestações das crianças indicam para a autora, um aprendizado social de como lidar com as estruturas impostas e reforça a idéia das redes de aprendizagens construídas no sentido horizontal, entre pares.

Por último, o artigo **O papel do contexto sociocultural para as práticas matemáticas da criança na Educação Infantil**, de Maria Teresa Senna, assinala o reconhecimento do papel sociocultural como imprescindível para a criança desenvolver ferramentas cognitivas, na vivência diária da matemática inicial, em escolas de Educação Infantil. O texto apresenta considerações de autores que estudam o desenvolvimento humano e sua ligação direta com as práticas sociais e culturais na contemporaneidade. Em um diálogo interdisciplinar profícuo, traz contribuições de autores diretamente ligados a área da matemática inicial e suas convicções acerca da importância do papel sociocultural para o desenvolvimento de ferramentas cognitivas específicas na criança. Realiza análises a partir de uma pesquisa de campo no Núcleo de Desenvolvimento Infantil, da Universidade Federal de Santa Catarina, com crianças entre 2 e 5 anos e adultos profissionais, seu foco são os momentos vivenciados na apresentação espontânea de conceitos numéricos iniciais.

Esperamos que os estudos aqui reunidos possam contribuir com as investigações sobre a infância e juventude em nosso país. Entendemos que as culturas infantis e juvenis ainda são pouco pesquisadas e o crescimento desses estudos singularmente nos informam o quanto são férteis suas criações, principalmente no sentido de conhecer as formas de comunicação que estes atores se apropriam para interagir com o mundo que os recebe. Perceber suas criações e considerá-las como produções culturais é uma forma de respeito a eles, que coincide com o lugar específico que ocupam. Lugar de crianças e jovens que mesmo sendo peculiares necessitam de uma compreensão e consideração dos adultos.

Organizadores